

***A PALAVRA NÃO
SE BASTA SÓZINHA*** Livro 101

Reflexões e Aforismos

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



Roberto Curi Hallal



QUAIS PALAVRAS

Quais palavras nos soam mais prazerosas, que gostamos mais de ouvir, nos despertam a escuta? que critério norteia o mais útil a ser dito, qual o melhor tom, qual o momento mais oportuno? Seria possível ofender com doçura?



REPÚDIO E RECHAÇO

Há formas de falar que provocam repúdio e rechaço, como se as próprias palavras funcionassem como tampão para os ouvidos do interlocutor. As superposições impedem o entendimento, provocando um engarrafamento e uma sobrecarga na disposição de escutar e ouvir. Nesse caso, pode-se afirmar que todos sentem vontade de falar, não de fazer-se ouvir ou despertar no interlocutor o interesse pelo que está sendo dito. Nunca se deve gritar, pois os gritos distraem a atenção e não permitem a escuta do conteúdo do que é dito.

EXPRESSÕES VICIADAS

Muitas inadequações expressivas são como vícios, se repetem, se impõe ao executor. Há pessoas que narram sem outra preocupação senão a de contar suas versões aos ouvintes, como o paranoico, que conta o último complô percebido, ou o fofoqueiro, que espalha sua última intromissão maldosa. Até mesmo uma ofensa pode ser feita de uma forma elegante, desconcertando o ofendido, que, então, não consegue se defender. Especialistas na ofensa usam a presença de um grupo para, através de indiretas, falar a terceiros alguns recados ofensivos, e, quando estes respondem encontram uma ironia a dizer-lhes que não se estava dirigindo-se a eles. É quando não resta chance de defesa. Trata-se de indefensabilidade somada à covardia. São palavras usadas para aviltar, abusando da impunidade.

A PALAVRA NÃO SE BASTA SÓZINHA

A palavra não se basta isolada para constituir uma delicadeza; ela precisa ser acompanhada de um gesto de agrado, um mínimo de ocupação para agradar ao ouvinte, assim como a escolha de uma forma que seja capaz de despertar a atenção daquele a quem está dirigida. Não pode ser uma obrigação, porque se revelaria sem a graça que a delicadeza exige para seu invólucro.



A PALAVRA NÃO CABE EM QUALQUER UM

A palavra não cabe em qualquer voz nem em qualquer pessoa. Suas falsificações são facilmente descobertas, porque não se sustentam. A delicadeza exige reverência e consideração, não admitindo a urgência, porque ela se produz devagar, num tempo propriamente lento e solidamente transcorrido. Há aqueles que se enganam, confundindo-a com a bajulação, mas a

delicadeza exige para seu ritual a autenticidade natural e espontânea do bem que suporta e o qual é motor de cada ato com desprendimento, com amizade, com doação. Diferentemente da bajulação a delicadeza não exige retorno, festejando-o quando surge, mas nunca condicionando-o à sua existência. A bajulação coloca a contrapartida do reconhecimento como condição fundamental.



PALAVRAS DOCES

A delicadeza exige palavras doces, docemente enunciadas. Nossos ouvidos festejam a poesia e a prosa da mesma forma como refutam a grosseria e a ofensa. É demasiadamente cansativo ouvir os que se repetem, esses que usam a língua como se ela fosse um apêndice, um exagero anatômico, antes de ser o órgão que nos permite dizer do amor e da vontade de amar.

CUIDAR DAS FORMAS DE DIZER

Cuidar das formas de dizer, assim como cuidar do que é dito faz parte da boa educação. Muito antes de ser uma comunicação, a delicadeza, é forma de perguntar e responder com quem e de que forma desejamos viver. Sendo a delicadeza, representante da elegância, da justiça e da verdade, constrói realidades passíveis de modelar a vida de gerações subsequentes, reafirmando, renovando e construindo o existir.



PERPLEXIDADE

A perplexidade das pessoas frente à mudança brusca de indicadores de vida trouxe consigo a ausência de definições atualizadas a respeito dessas novas demandas dos humanos. Há uma dificuldade em se definir de que amor carecemos. A superposição de conflitos sem esperança de soluções forma um contingente de pessoas dispostas em uma rua sem

saída. Àqueles que confiaram, esperando alcançar o prometido, a solução dos problemas privados e públicos só decepcionaram. Os que trabalham e se apoiam na esperança questionam, todos os dias, como manter o sentimento positivo que lhes permita manter a chama que os remete a formar redes de solidariedade, evitando o acúmulo de problemas e a constituição de conflitos. Só está em paz aquele que pode conciliar o pensamento com a ação, apoiados em sentimentos adequados a cada ocasião.



A AUSÊNCIA DE EDUCAÇÃO

A ausência de educação, antes de ser um conceito moral, demonstra a falta de cuidados que o mal educado sofreu. Se alguém tentou, deve ter sido mal sucedido em seu intento, senão o resultado houvesse sido outro. O mal educado é inadequado quase sempre. Falta-lhe o reconhecimento, a gratidão, a delicadeza, as boas maneiras. Em decorrência, fura fila, desrespeita as

leis, grita sem razão, fala alto nos lugares públicos, tenta corromper a todos com sua pretensão, com sua soberba. Pensando-se superior aos demais, atropela o outro por desprezá-lo, e considerá-lo um objeto; desdenhando-o, manipulando-o como coisa.



A MÁ EDUCAÇÃO

A má educação começa e se exerce na casa, entre os familiares. Os gritos lançados contra os humildes, as crianças, os desamparados, os dependentes, são um abuso de poder.

MANUTENÇÃO

A solidariedade e a determinação necessitam serem mantidas para transformarmos o mundo ao nosso em torno em algo melhor. Entretanto, acredito que somente alcançaremos isso fazendo da vida cotidiana algo sempre melhor.



CONHECIMENTOS

Nem todos os conhecimentos são acessíveis, por isso os umbrais delimitam a imaginação e remetem todas as lembranças numa tentativa de reinventar e de recuperar a memória até o infinito. O desejo é demasiado grande para suportar tanta ausência, e a impossibilidade da presentificação reinventa a veneração e vincula todos os afetos soltos à imaginação que inventa e agasalha. A incorporação de qualquer novidade garante a significação e a confluência que anula as diferenças. O sentir se transforma em seu sentir desaparecendo o outro para fazer com ele a unificação.

USO DO CONCEITO DE SOCIAL

Lamentavelmente o conceito de social foi sequestrado politicamente por muitos oportunistas para uso pessoal, como forma de escravidão eleitoral mantendo a pobreza como fonte de seus feudos políticos. O uso da consciência social a que me refiro será oportunizar a meritocracia acima da perpetuação de enriquecimento a pequenos grupos de poder econômico e político.



ADQUIRIR CONSCIÊNCIA SOCIAL

Cada vez mais os administradores dos problemas do mundo necessitarão adquirir consciência social. Para tal, aqueles que trabalham com pessoas devem utilizar a aptidão do publicitário, a persuasão do vendedor, a fé do religioso e a certeza do convicto. Tais elementos combinados poderão ser usados para convencer aos demais dos fundamentos da partilha, da solidariedade e da esperança. Será fundamental não confundir o Social com o Assistencialismo.

ESVAZIAR A ALTERIDADE

Alimento-lhes o narcisismo às últimas conseqüências, até alcançar o esvaziamento da alteridade. Dou-lhe todos os direitos que eles supõem serem os mais importantes. Exerço o domínio principal quando lhes impeço adquirir o direito ao prazer, sempre nas diversões mais inocentes. Esta limitação passará despercebida diante da permissão anteriormente oferecida. Nas diversões mais inocentes se guardam os maiores valores e os mais profundos desejos. Ali se declaram os sonhos mais frequentes e os mais acessíveis de realizar-se, os demais se depositam nos ideais mais inacessíveis.



PEÇAS DE ESTIMAÇÃO

O enaltecimento do espírito se dá quando se imaterializa os objetos de pertinência. Então, eles adquirirão o nível de peças de estimação, remontadas com afeto e sentidos singulares. Seria um empréstimo, um sangue ou uma memória, um verso ou um perfume, uma pena um valor.

MISSÕES

A palavra Canindé vem do tupi-guarani kanindé, e tem várias significações, uma das mais conhecidas é a tribo de índios missionados e que, primitivamente, habitam as margens dos rios Banabuiú e Quixeramobim. Uma prova viva do rico convívio nas missões jesuítas com os povos da terra.



MEDO CONTÍNUO

Usar o medo contínuo até vibrar como um mantra horrorizado, negociar simulacros convertendo neófitos em especialistas e juízes em legisladores. Comentaristas que retratem realidades mais reais do que a própria realidade, de tal forma que a inventam fazendo-se proprietários da mesma. Tais sutilezas, tais mistérios somente em mentes avançadas, eruditos prodígios que ao criarem fantasias determinam destinos. As ideias que esses arrogantes levam a cabo, enquanto a

plateia absorve seus delírios disfarçados de cuidados, aumentam os negócios, os controles, a fechamento e o domínio, a especulação das ciências jogando ao abismo a economia, a sociologia, a medicina, os ofícios enquanto a morte não os carregue.



PASMADOS OS DETENDORES

Pasmados os detentores da estabilidade miserável, oferecem suas vidas aos vassalos ao conhecerem a dimensão do desastre. A TV e seus condutores anunciam o número crescente de mortos, única vida enquanto não se alcance ressuscitar, omitindo o número de vivos, a eterna dança dos números convertidos em eloquentes provas que respondem às intenções de uso, que explicam o que é impossível de explicar sempre e quando não se conheça o suficiente das perguntas para acreditar nas respostas.

O TEMPO INVENTADO DIFERENTE

O ano se queixava por não haver existido, no momento das datas aparecia um vírus, os que olhavam os calendários tinham a atenção nos números dos mortos insistentemente exaltado por meios de comunicação interessados em dispersar atenções. Narcotizados no automático da manipulação mal gastaram o esforço no que não se havia estudado e revelou-se a enorme quantidade de profetas do apocalipse convencidos por um delírio próprio dos vaidosos que tocam instrumentos que jamais haviam tocado atraindo ingênuos, mal intencionados e corruptos que se interessavam na exploração do medo que devorava a liberdade. Evocavam a dor e o medo para atrair e render dizendo ser isto o realismo que salva. Antepor-se à virulência sem controle, estar vivo nas alamedas misteriosas do labirinto seria a recompensa prometida tendo como prêmio a sobrevida.

O TEMPO INVENTADO DIFERENTE

O ano se queixava por não haver existido, no momento das datas aparecia um vírus, os que olhavam os calendários tinham a atenção nos números dos mortos insistentemente exaltado por meios de comunicação interessados em dispersar atenções. Narcotizados no automático da manipulação mal gastaram o esforço no que não se havia estudado e revelou-se a enorme quantidade de profetas do apocalipse convencidos por um delírio próprio dos vaidosos que tocam instrumentos que jamais haviam tocado atraindo ingênuos, mal intencionados e corruptos que se interessavam na exploração do medo que devorava a liberdade. Evocavam a dor e o medo para atrair e render dizendo ser isto o realismo que salva. Antepor-se à virulência sem controle, estar vivo nas alamedas misteriosas do labirinto seria a recompensa prometida tendo como prêmio a sobrevida.



Roberto Curi Hallal

